

Stadium

N.º 284

12 de Maio de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Foto: HERMANN

PORTO 3 — ARSENAL 2

Os ingleses são impetuosos no ataque, mas Barrigana defendeu com superior visão



SPORTING escorrega mas não cai!

Os deslizes não são aproveitados e a Prova mantem-se no mesmo estado — Resultados que impressionam, traduzindo a ansiedade da Província

Crónica de TAVARES DA SILVA

Temos campeonato até ao fim da Prova, que era o melhor que se podia desejar! Quando o problema do título parece em vias de solução definitiva, logo um acontecimento inesperado mantém a dúvida. Os tesoureiros dos clubes continuam a esfregar as mãos de contentes.

Liquidado o caso do último, também a questão do penúltimo mostra tendência para a solução. O *team* de Braga dá a impressão de ser aquele com mais disposição para enfiar a carapuça, mas a decisão final ainda não foi proferida... e enquanto há vida a esperança não morre.

Na 24.ª jornada, a dois passos do fim, apuraram-se os seguintes resultados:

Belenenses... 7 — Boavista... 0
Benfica... 1 — Elvas... 2
Sp. Braga... 0 — Olhanense... 0
Académica... 1 — Estoril... 5
Setúbal... 1 — Sporting... 0
Porto... 1 — Atlético... 1
Lusitano... 0 — Vitória G... 1

Uma verdadeira jornada de imprevistos, emoções e surpresas! Nem de encomenda se podia exigir mais, verificando-se resultados que nos fazem levar as mãos à cabeça e dizer: — Mas como sucedeu isto! Como foi possível!

A verdade é que, por um lado nos caprichos da bola se encontram todas as explicações, e por outro o maior equilíbrio de valores conduz a uma jornada como a 24.ª De resto, a necessidade de classificação por parte de vários *teams* não deixa de exercer uma poderosa influência na actividade desses grupos.

Vem à cabeça do rol das surpresas a vitória do Elvas, logo seguida da derrota do Sporting em Setúbal. E, sucessivamente, o empate do Porto contra o Atlético, e o triunfo arrancado por Vitória de Guimarães no Algarve. Os outros resultados, a vitória do Belenenses e do Estoril, por números que não estão em correspondência com o futebol pro-

duzido, aceitaram-se, assim como o empate de Braga.

Como resultante de tudo quanto de estranho se passou no último domingo, o Sporting continua a ser o n.º 1 e o presumível vencedor, não estando arredada a hipótese de ficar vitorioso o Benfica, e, mais remotamente o Porto.

Se, qualquer deles, Sporting ou Benfica vencessem na 24.ª, estaria agora numa posição quase inatacável, mas tanto um como o outro deixou fugir a oportunidade que dificilmente se repetirá. Estas coisas não costumam suceder duas vezes seguidas...

O Porto também se colocaria numa excelente posição, e muito agarrado ao título, se não tivesse repartido com o Atlético os dois pontos da Tabela. Quere dizer, também o Porto deixou fugir a oportunidade.

O mais curioso do caso é que os clubes não podem alegar ignorância. Graças ao serviço telefónico que os jornais da tarde mantêm para os campos por via da reportagem, sabia-se num lado o que se estava a passar no outro. De nada serviu esse conhecimento. De todos, o Benfica é o mais prejudicado e o mais sofrido.

A carreira do Vitória de Guimarães conduzido por Valadas, que já classificamos numa roda de amigos como o melhor treinador de 1947-48, é qualquer coisa de brilhante e digna de ser destacada. Os bons resultados de Guimarães, uns a seguir aos outros e não um isolado, provam que a equipa tem hoje capacidade de luta e boa medida de futebol.

O Belenenses cometeu uma proeza, marcando cinco bolas num quarto de hora. A Académica não teve remate, que é uma coisa que necessariamente deve fechar os esquemas, quando se quere vencer e não apense jogar bem... Braga esforçou-se no máximo, mas a sorte abandonou o *team* e virou-se para o adversário.

Marcaram-se 20 bolas, o que dá a média aproximada de 3 por desafio. Se levarmos em linha de conta a circunstância de cinco equipas não terem marcado, concluiremos tratar-se de uma média razoável. O Belenenses teve a talhada de leão.

Duas equipas venceram em casa e três no campo do adversário, enquanto que duas fizeram *match* nulo. O Porto registou o primeiro empate. Sporting sofreu a 5.ª derrota e Benfica a 4.ª Impõe-se, para complemento dos nossos comentários, o exame minucioso da nossa tabela.

HÁ coisas muito sabidas no futebol, e, no entanto, esquecem-se a todo o momento. Só depois dos factos sucederem é que se diz: — mas estava mesmo a ver-se o que tinha de acontecer, com aquele processo de jogal

O Benfica entrou no retângulo, embora com a sua linha estropiada pela falta de Moreira e Júlio, em boa disposição. Os lances saiam-lhe claros e nada havia a dizer à sua movimentação. Mas o Elvas não abandonava o sentido de luta e o seu ataque fazia várias infiltrações, procurando aproveitar as falhas de defesa. Deve dizer-se que, nesta faceta, Patalino é um homem terrível, que sabe cortar o espaço, aproveitando os buracos. E Patalino fez dois golos, e o encontro tomou um colorido diferente de interesse e emoção.

Como é natural, o Benfica não deixou de confiar na segunda parte, e ao conseguir um golo, no começo, julgou haver encontrado o caminho do triunfo. Então, todo o Benfica se instalou na área do Elvas, com António Maria a meio do terreno.

Mas por efeito dessa avalanche, os elvenses, atrasados, resguardaram e protegeram ainda melhor as balizas, e a luta entre atacantes e defensores travou-se com honra para ambas as partes, e sem proveito prático para o Benfica mas com o maior dos proveitos para os elvenses.

E à medida que o tempo passava, os benficas enervavam-se e o golo fugia-lhes. O enervamento não os deixava ver claro: atraíam o adversário ao seu campo para, a seguir, com o terreno mais aberto e propício à evolução, despedir os golpes mortais. O Elvas portou-se sempre bem e foi bafejado pela sorte. Mas isso faz parte do futebol.

Para quem não viu o jogo de Setúbal, a derrota do Sporting impressionará... Os que viram só têm uma ideia: que essa derrota exprime o que se passou em campo. Mais ainda: que não seria justa a vitória loonina.

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Teléfono, 31187 - USSOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGAVURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Quando um *team* sobe ao cume como o Sporting e lhe faltam apenas alguns passos, ha que não se deixar surpreender e entrar no recângulo disposto a toda a casta de sacrificios.

Teve o Sporting força de vontade quando os ventos se mostraram contrários? — De modo algum. A equipa não insistiu, e pouco fez para mudar o rumo do futebol. Vimos muitos lances duvidosos, isto é, na dúvida de quem pertenceria a bola, não serem discutidos pelos homens do Sporting. E assim não se pode vencer desafiado!

O Vitória foi justamente o vitorioso por ter jogado com ânimo, vontade e entusiasmo. Com tal coragem que abalou a força física do adversário. Este começava a temer os setubalenses, e nada feito...

Os setubalenses chegaram, regra geral, à bola em primeiro lugar e jogaram-na com rapidos e ás vezes com precisão. A tal ponto e em tal medida que os vitorios pareciam estar em campo em maior número.

Os setubalenses mostraram-se fortes na defesa, hábeis na linha média e audaciosos no ataque. Em conjunto, melhores que os sportingistas.

Os *leões* meteram água na defesa (o centro do terreno quase não representava obstaculo), tiveram em Canário o melhor médio, e a sua linha da frente conseguiu raros movimentos de conjunto. Travassos e Albano andaram na dança das trocas e só Jesus Correia mostrou estar animado da vontade de vencer...

Sem dúvida, o Atlético fez um excelente resultado no Porto, especialmente porque os números não são um produto do acaso. Traduzem apenas isto: equilibrio de futebol.

Os atléticos revelaram em campo uma forte vontade de não se deixar bater. A equipa está a pontos de ganhar confiança e unidade, atingindo a expressão da n.e.h. forma. Para o ano que vem, se se não verificar qualquer quebra — é possível que o *team* se imponha definitivamente.

A sua principal qualidade cifra-se numa palavra: — articulação. Na verdade, o onze revelou ligação em todos os sectores e planos, com todas as unidades a trabalharem no mesmo sentido. Tanto à defesa como ao ataque, o *team* conta com valores. Isto parece-nos importante, dadas as le-

Tabela de pontos

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting.....	24	10	1	1	52-18	8	—	4	31-19	18	1	5	83-37	37	
Benfica.....	24	9	—	3	41-15	8	3	1	40-20	17	3	4	81-35	37	
F. C. Porto.....	24	9	1	2	41-15	8	—	4	28-20	17	1	6	69-35	35	
Belenenses...	24	9	2	1	46-9	6	2	4	25-20	15	4	5	71-29	34	
Estoril.....	24	10	—	2	55-18	5	3	4	30-27	15	3	6	85-45	33	
Atlético.....	24	7	2	3	42-27	3	2	7	22-30	10	4	10	64-57	24	
Vitória (G.)...	24	8	1	3	28-20	1	3	8	12-33	9	4	11	40-53	22	
Elvas.....	24	9	—	3	40-20	1	2	9	14-40	10	2	12	54-60	22	
Boavista.....	24	8	1	3	31-19	1	1	10	9-44	9	2	13	50-63	20	
Vitória (S.)...	24	6	3	3	21-19	1	—	11	13-41	7	3	14	34-60	17	
Lusitano.....	24	7	2	3	19-15	—	1	11	8-56	7	3	14	27-71	17	
Olhanense....	24	5	3	4	31-22	—	3	9	16-41	5	6	13	47-63	16	
Sp. Braga.....	24	5	3	4	29-22	—	1	11	17-43	5	4	15	46-65	14	
Académica....	24	3	2	7	21-38	—	—	12	12-63	3	3	18	33-101	8	

sões de Correia, Vidal e David. Tais coisas diminuem sempre o rendimento das equipas.

As infiltrações do Atlético foram rápidas e fáceis. Pode, mesmo, dizer-se que estiveram em contraste com o que se passou no lado do Porto. Ou porque Araújo estivesse a todo o momento com sentinela à vista (o mérito dos fenómenos está em livrarem-se das grades da prisão!) ou por falta de inspiração, o certo é que os portuenses não ligaram que de outras vezes os seus esforços.

Por outro lado, foram deficientemente alimentados em virtude dos seus médicos, com graves preocupações de defesa, terem sido forçados a esquecer-se em pouco do ataque... Para cumulo, Araújo não aproveitou um penalti, mas a sorte rectificou o azar no golgo portuense.

Dos outros encontros damos também algumas notas, o suficiente para os caracterizar.

O Belenense custou a adquirir a 1.ª bola, continuando a dar no primeiro tempo a imagem da impotência do ataque, mas logo que descobriu o caminho, jamais saiu dele. E os golos acumularam-se nas balizas adversárias com uma frequência desusada.

O Boavista desempenhou bom papel, mas, ao perder as facilidades de resistência física (sempre tal sucede às equipas de técnica menos apurada!) entregou-se quase que por completo. O Belenense jogou uma excelente 2.ª parte, com jogadas magníficas de Amaro e Nunes, havendo a destacar a estreia de um jogador (Mato) vindo dos juniores, o que parece significar nova orientação de Belém.

A Académica perdeu mais um desafio, e de quase todas as suas manifestações continua a dizer-se o seguinte: — que o resultado podia ter sido outro, e que o seu posto na tabela traduz muita falta de sorte.

Os estudantes, principalmente a favor do vento mas também contra, desenvolveram futebol de conjunto, da defesa ao ataque, com intervenção firme e apoio eficaz da parrelha dos médios. Estes souberam criar os momentos de remate mortal, mas não aplicaram o remate.

Precisamente o contrário do que fez o seu adversário, que, com visíveis falhas do conjunto na máquina, não perdeu — em frente das redes. Os recursos do Estoril puzeram mais uma vez em causa várias deficiências que se veem a notar na defesa de Coimbra.

Uma coisa é dominar territorialmente, e outra ganhar encontros. Em Vila Real, o Lusitano talvez tivesse dominado no capítulo do território, mas a defesa de Guimarães, sólida e rápida, varreu o terreno em frente das

balizas e o Lusitano não pôde materializar essa vantagem.

Guimarães fez uma verdadeira partida de campeonato: prudente na defesa e espreitando o momento de ataque. Ao fazer o golo solitário, Guimarães soube defender o que tanto lhe tinha custado. Fechou as portas da baliza.

Temos a impressão de que o Sporting de Braga não foi feliz, mas também nos parece que o Olhanense deve ter jogado na defensiva, sem se arri-car quase nada e menos à medida que o tempo passava, e ele compreendia que o empate estava ao seu alcance. Verdade seja, era aos bracarense que competia forçarem a nota, dando tudo por tudo. Ou oito ou oitenta.

Emfim, a 2.ª jornada fica na história como uma das mais interessantes do futebol português. E' uma jornada de pôr os nervos em pé ao chamado adepto.

Faltam apenas dois domingos. No próximo disputam-se os seguintes encontros: Braga-Guimarães, Olhanense-Belenense, Boavista-Benfica, Elvas-Académica, Estoril-Setúbal, Sporting-Porto e Atlético-Lusitano.

E após o interregno do próximo dia 23, proveniente da efectivação do Portugal-Irlanda, teremos a derradeira jornada, e será o fim: Belenense-Braga, Benfica-Olhanense, Setúbal-Elvas, Porto-Estoril, Lusitano-Sporting, Guimarães-Atlético e Académica Boavista.

BASQUETEBOL

O jogo Portugal-Espanha e o prosseguimento do campeonato nacional

O claríssimo triunfo obtido pela Espanha, no seu recente encontro com Portugal, tem dado lugar a uma série de críticas acerbas, que, — parece-nos — só servem para lançar a confusão no espírito dos adeptos do basquetebol, levando-os a conclusões erradas.

A maneira pouco feliz como se exibiu a equipa nacional desiludiu aqueles que assistiram ao encontro, pois a diferença de classe que existiu entre os dois «cinco» em luta foi flagrantíssima. No entanto, ocorre-nos perguntar: o basquetebol espanhol valerá tanto como o resultado conseguido no Pavilhão dos Desportos parece demonstrar? E, por outro lado, pomos também a questão: o inferior comportamento da selecção portuguesa reflecte, de facto, um apavorante atraso do nosso basquetebol?

Creemos que a ambas as perguntas se poderá responder negativamente... Nem o basquetebol espanhol atingiu a perfeição

evidenciada pelos jogadores Kucharski, Ferrando, Martin, Dalman e Maneja, nem, tão pouco, se poderá aquilatar do valor técnico da modalidade, entre nós, pelo que fizeram os dez elementos que pisaram o rectângulo do Parque Eduardo VII.

E que o catastrófico resultado de agora nos sirva de lição para, no futuro, congratarmos os nossos esforços — no Norte, no Sul, no Centro, em toda a parte, emfim — sempre que esteja em jogo o bom nome do basquetebol português. Enquanto houver a preocupação de destruir, sistematicamente, tudo o que os outros fazem, não prestando justiça ao trabalho honesto de cada um, as jornadas desmoralizadoras repetir-se-ão.

Por último, arquivemos o resultado deste III Portugal-Espanha: 52-28, a favor dos nossos vizinhos.

O Campeonato Nacional da I Divisão prosseguiu, no sábado, com os jogos Benfenses-Atlético e Olivais-Benfica, ficando assim completa a terceira jornada da prova.

No primeiro dos citados encontros, que foi presenciado por pouco público, as duas equipas exibiram-se muito abaixo das suas possibilidades, sobretudo a do Belenense que não conseguiu encontrar a formação conveniente. Os alcantarenses, embora sem grandes rasgos, jogaram o suficiente para merecerem o triunfo alcançado. Carlos Fernandes, em noite de inspiração, marcou mais de metade dos pontos da sua equipa e orientou, quase sempre bem, a acção dos companheiros. Ao intervalo, o Atlético venceu, por 17-8, depois de ter consentido três empates (2-2, 4-4 e 8-8). No segundo tempo, a superioridade dos campeões de Lisboa tornou-se mais clara e o Belenense viu aumentar a distância que o separava do adversário. Depois do marcador ter acusado uma diferença de 15 pontos favorável ao Atlético (34-15), os «azuis» reagiram e chegaram ao final com 9 pontos de vantagem (30-39).

Em Coimbra, o Benfica perdeu com o grupo local por 32-33, após uma partida emocionante, que só se decidiu no último segundo.

Nesta altura da prova, as equipas do Benfica, Vasco da Gama, Olivais e Fluvial estão à frente da classificação, todas com 4 pontos.

Monteiro Poças

SEPARATAS da Stadium

publicamos hoje o n.º 8 de "O futebol é a minha profissão"

Abilio Torres

NATAÇÃO

A época oficial abriu auspiciosamente

Valeu a pena adiar por uma semana a inauguração oficial da temporada de 1948.

A manhã de domingo último estava, sem dúvida alguma, mais propícia à prática da modalidade, e a primeira prova disso está precisamente no belo éxito que coroou a tentativa do «iniciado» Fernando Esteves Madeira, infrutífera uma semana antes.

Com efeito, o esperanzoso e jovem elemento do Algués deu um considerável passo em frente, na sua já curiosa carreira de nadador. E o recorde, que pertencia a outro elemento também de muito futuro — Eduardo Murta Barbeiro — com a marca de 1 m. 9,4 s., baixou para 1 m. 8,6 s. Fernando Madeira, numa prova contra-relógio, atacou a distância pleno de confiança e entusiasmo, em «estilo» bem mecanizado, demonstrando, assim, a sua excelente «forma» actual.

O melhor resultado técnico pertenceu a Guilherme Patroni 1 m. 4 s. — na prova clássica de velocidade pura, que venceu normalmente, dentro das suas características pessoais, numa prova animada, em que Luís Soares de Oliveira teve comportamento meritório.

A prova de 400 metros-livres do festival de inauguração de 1948 — há treze anos! — revelou um nadador: Eduardo Manaças que, então, bateu Azenhais dos Santos. Talvez que a corrida de domingo último tenha trazido ao primeiro plano um futuro

especialista — José de Almeida Figueiredo.

De facto, o nadador estorilista averbou uma excelente vitória sobre João Pereira Bastos, depois de cobrir o percurso em 6 m. 9,6 s. E aqui, põe-se, naturalmente, o problema: deve um desportista que atingiu em épocas anteriores determinada cravatura, comparecer às competições seja qual for a sua «forma»?

Salientemos também a dupla vitória de Artur Mendes Silva, nos 100 metros-bruços (1 m. 28,3 s.) e nos 100 metros-costas (1 m. 21 s.), muito embora os «tempos» alcançados sejam vulgares.

Em 100 metros-costas, o melhor resultado da jornada foi para o «principiante» João Franco do Vale (1 m. 20,9 s.), numa prova em que venceu facilmente.

Ao «principiante» Eduardo Murta Barbeiro pertenceu um dos melhores «tempos» do festival: 1 m. 7,8 s., nos 100 metros-livres. É, de facto, uma excelente marca, que o deve colocar, de momento, entre os nossos melhores esportistas.

Uma referência ainda aos «infantis» Vasco Dias Pereira, Manuel Murta Barbeiro e João Calixto, e a Maria Luísa Malheiro da Silva, Fernanda Cunha, Maria Fernanda Ferreira, Maria Ofélia Rosa, Odete Maria Nobre, Regina Deniz Mendes, Lucília Anjeja e Otilia Raposo, que se distinguiram nas provas femininas.

Resultados da 2.ª Divisão

O Sporting da Covilhã e o Grupo Desportivo da «Cuf», no campo do último, empataram 1-1. Em Famalião, o Barreirense ganhou 3-1. Log, temos o Barreirense e Sporting da Covilhã com o mesmo número de pontos (5). Famalião e «Cuf» estão com 3 pontos cada.

Quer conhecer os CAMPEÕES do MUNDO! **IV-CORREIA dos SANTOS**



firmado, cada qual com suas características e definições de merecimento pessoal. José Correia dos Santos — nado em Paço de Arcos no primeiro dia do mês de Agosto do ano de 1926 — é um atleta completo. E por quê? Porque pratica muitos desportos? Não... Simplesmente por ser grande — e muito grande — num só: tanto assim que é campeão do Mundo! Ora, para ser perfeito, não é preciso ser múltiplo; basta ser perfeito — mesmo numa só modalidade desportiva.

Correia dos Santos — como poucos — é perfeitíssimo em hóquei em patins.

Este rapaz — que é apenas um humilde serralheiro mecânico — ostenta, garbosamente, com merecimento absoluto, um título de campeão do Mundo!!! Quantos atletas não o invejam e almejam tal glória? E onde outros, provavelmente, manifestariam orgulho e sobranceira, ele, modesto e simples como é, apenas denota simplicidade. Mas simplicidade feita de simpatia e de carinho com que o rodeiam os seus compatriotas.

Paço de Arcos, decididamente, tem, por si, a grande, a suprema ventura de saber glorificar — sem os «estragar»... — os seus campeões! E ainda bem que assim é — para prestígio do desporto nacional... Os primeiros passos deste atleta — no campo desportivo — foram encaminhados para o futebol. Como quase todos... Correia dos Santos interessou-se pelo jogo da bola redonda, e, a breve trecho, alinhava no clube da sua terra. Depois veio o hóquei. Mas, entretanto, uma «passa-

gem» pela Cuf de Lisboa. Breve. Muito breve... Porque, acabado o futebol no grémio cufista, Correia dos Santos ingressou nas fileiras do Estoril Praia — por cuja equipa de reservas joga habitualmente, E, ao que já vimos, não joga nada mal; e até será chamado, muito brevemente, ao grupo principal.

Correia dos Santos — jogador dinâmico, estupendo de rapidez de reflexos, e, como poucos, com engodo pela baliza; quando a visa é um perigo... — foi pela primeira vez «internacional» ainda não tinha 20 anos! E já havia sido campeão cinco vezes: nacional em 1944 e 45; e de Lisboa de 1942 a 44. Mas nesse mesmo ano da estreia internacional (a 19 de Abril de 1946, em Montreux, contra a França-B) Correia dos Santos foi ainda campeão de Portugal e lisboense, em hóquei em patins, e vencedor da Taça de Honra! Outra característica — a de rematador — tem o já famoso oquista; e assinala-se, por mera curiosidade, que, no próprio ano da estreia, fez, na Suíça, 11 dos 42 golos da equipa de Portugal: — 1 à França-B (11-1); 1 à Itália-B (2-3); 2 à Itália-A (5-1); 3 à Bélgica (12-2); 2 à França-A (7-2) e 2 à Suíça (5-3). Era o «sexto jogador» — ou suplente eventual...

No hóquei em patins — o futebol, para Correia dos Santos, constituiu apenas um derivativo — marca o nosso biografado (benjamim da equipa dos campeões do Mundo!) um lugar definitivo e inconfundível. Até quando? Cremos ser por muitas e bri-

lhantes épocas ainda. Entretanto, veja-se o seu glorificante e dignificante historial: — campeão de Portugal cinco vezes (1942 e de 1944 a 47); campeão de Lisboa igual número de vezes (de 1942 a 1944 e em 1946 e 1947); vencedor da Taça de Honra — Lisboa também cinco vezes (em 1941, 43, 44, 46... e agora); seleccionado para cinco — decididamente, o número 5, tem tido influência predominante em Correia dos Santos!!! — dos seis desafios Norte-Sul: sempre com golos marcados! E, para culminar, duas vezes seguidas campeão do Mundo e da Europa — com 28 internacionalizações (5 contra a Bélgica; 4 contra a Espanha, a França, a Itália e a Suíça; 3 contra a Inglaterra; uma contra o Egipto, a França-B, a Holanda e a Itália-B) e 55 golos marcados em partidas internacionais: 13 à Bélgica; 10 à França; 9 à Suíça; 7 à Itália; 5 à Espanha; 4 à Inglaterra; 3 ao Egipto; 2 à Holanda e um à França-B e Itália-B.

Zézinho... O diminutivo é bastante carinhoso — e apenas constitui reflexo de muita simpatia e de grande amizade. Benjamim da equipa dos campeões do Mundo! Entre tanta «coisa» bonita — que mais quer Correia dos Santos?!

JORGE MONTEIRO

A seguir:

V—Alvaro Lopes

Q UEM falar de Paço de Arcos, no aspecto desportivo, tem de, fatalmente, nomear os nomes dos primos Correias. Eles são — ambos — o expoente máximo no cartaz de propaganda da maneirinha povoação da Costa do Sol.

Paço de Arcos — terra de campeões desportivos: nota que importa «metralhar» sempre! — tem pelos dois Correias (neste caso simplesmente interessa o Zézinho...) a maior adoração, estima, consideração e idolatria. Parece até impossível — dizem leigos no assunto — que o desporto conquiste para a nacionalidade nomes que pouco dizem... Mas então quem é Correia dos Santos?! Rapaz modesto, simples, sem ambições, apenas um humilde operário, desportista convicto e praticante dos mais entusiastas, José Correia dos Santos, tal como seu primo Jesus Correia, honra sobremaneira a família! Será, realmente, uma questão de puro sangue?

A verdade — em certeza certa é que a mimosa vila de aquém-Cascais deu ao desporto dois grandes campeões: e ambos da mesma família e da mesma terra...

Sem apoucamento, antes com mimos de graça e de simpatia, o povo de Paço de Arcos apodou Correia dos Santos de «Zézinho»! Ele é — como seu primo: o *enfant gaté* — um verdadeiro atleta.

Há até quem diga — passe, entretanto, o paralelismo e a rimação — que... um sem outro não formam boa liga! Mas, não, porque ambos têm classe, valor con-



Em Montreux, na Suíça, no passado dia 24 de Março, fez Correia dos Santos, que vemos na fotografia, uma formidável exibição

No magnífico Stand do GOULÃO CAMPEONATO do MUNDO do TIRO aos POMBOS



DR. FRANCISCO FARIA JÚNIOR, vencedor brilhante da Taça Federação, tendo a seu lado o 2.º classificado, o nosso amigo Manuel Seixas



CONDE DE TEBA, um dos maiores atradores do Mundo, vencedor das Taças «Goulão» e «Atiradores Estrangeiros»



JOSÉ DE CARVALHO, vencedor da Taça «Grande Prémio de Ouro de Turismo», tendo ao lado os italianos Caldessi e Borught, respectivamente, 2.º e 3.º classificados. Borught detem o título de campeão da Europa



Os componentes da equipa brasileira



D. MARIA DA ASSUNÇÃO BURNAY EREIRA, concorrente portuguesa aos campeonatos



A equipa belga prepara-se para almoçar...



A numerosa equipa italiana



A assistência é muito elegante. Todas as celebridades passam pelo stand do Goulão. O ex-rel Carol também assiste às provas

Fotos: MADEIRA



JOSÉ DE CARVALHO, um dos atradores mais regulares, vencedor da taça «Câmara Municipal

ESTÁ a disputar-se em Portugal pela primeira vez, no magnífico campo do Goulão, a que não falta nem comodidade nem admiráveis condições técnicas, o Campeonato Mundial de Tiro aos Pombos. É o 12.º da série, e o acontecimento atraiu ao nosso país gentes ilustres de outras terras: americanos, brasileiros, franceses, belgas, italianos e espanhóis. Como é natural o lote mais numeroso de concorrentes é constituído por nacionais, e diga-se, em abono da verdade, que temos no nosso país excelentes *espingardas*.

As várias provas que constituem o vasto programa — a competição deve durar até ao próximo domingo — têm sido disputadas com grande interesse, determinando no final lutas emocionantes.

Quando escrevemos ainda não acabou o Campeonato do Mundo. Mas os portugueses têm-se comportado excelentemente — assim o dizem os resultados.

A TAÇA RIO BRANCO

foi ganha pela selecção do Uruguai

(Especial para «Stadium» — por CANDEIAS ALVAREZ)

DISPUTOU-SE no Estádio do Centenário, em Montevideo, a segunda mão da «Copa Rio Branco» que contra todos os prognósticos da crítica brasileira, terminou com a vitória da selecção uruguaia por 4-2, tendo-se a selecção oriental creditado de uma exibição absolutamente falha de técnica mas plena de voluntariedade e coragem.

A Selecção brasileira, de quem todos esperavam deslizesse a péssima exibição feita quando da disputa da primeira mão que terminou empatada, afandou-se por completo sendo impossível mencionar ou destacar qualquer dos seus profissionais pois todos, na generalidade, actuaram muito abaixo das suas possibilidades.

Flavio Costa, o técnico da selecção, querendo à viva força fazer política, conseguiu depois de treinos constantes e atarados arquitetar um conjunto em que a fragilidade de certos elementos era notória, motivando assim a quebra de uma homogeneidade que o tempo e a preparação dos seleccionados tinham por obrigação apresentar.

A Selecção do Brasil que forma com: Luis, Augusto e Nena; Rai, Danilo e Noronha; Claudio, Friaça, Adaosinho, Canotinho e Chico, não pode de forma alguma enfrentar com sucesso o seleccionado oriental onde os seus elementos falhos de técnica conseguiram levar de vencida os adversários devido unicamente a vontade férrea de que se encontravam possuídos.

Não conseguia Flávio Costa, desta vez, contar com o precioso concurso de um Ademar, que infelizmente para o seleccionado brasileiro se encontrava com um pé fracturado, frato do acidente de que foi vítima em Santiago do Chile, e com Barbosa, que também sofreu um acidente no primeiro Brasil-Uruguai; no entanto havia e há elementos no Brasil que substituiriam com vantagem Luis, um excelente guarda-redes, mas actualmente fora de forma, o que não evitou a sua indicação, deixando ao ostracismo um Oberdan, Ely e Jorge, os dois médios alas do Vasco que — digam o que disserem — são superiores a Rai e Noronha.

Motivos imperiosos levaram o técnico brasileiro a não fazer uso daqueles elementos e o resultado foi o que se viu.

Chega-se à conclusão de que o seleccionado brasileiro quando joga em qualquer país que não seja a sua terra natal, sofre um complexo de inferioridade absolutamente incompreensível.

Estes e outros casos idênticos que se passam com o futebol de todo o Mando, pode servir de exemplo para aqueles «tifosos» portugueses que entendem ser a selecção portuguesa obrigada a jogar sempre o que sabe, e a ganhar, seja em casa ou fora.

No Brasil, onde indiscutivelmente existem elementos individuais muito superiores aos portugueses, e digamos de passagem, em muito maior número também, sucedem destes casos em que os melhores brasileiros, depois de uma concentração de um mês no próprio País onde os desafios são disputados, com a vantagem de não haver perda de energias por motivos de viagem, não conseguem levar de vencida uma equipa onde impera a disciplina.

Ponderemos nós nisto e não sejamos tão exigentes para com a Selecção portuguesa quando esta se credita de uma exibição mais fraca do que aquilo a que estamos habituados a ver.

Os profissionais uruguaio são de opinião de que os treinadores são inúteis

NATURALMENTE que estas coisas só são possíveis num país da América do Sul... mas no entanto não deixa de ser a pura verdade.

Notícias vindas a lume ultimamente, umas de Montevideo e outras de Buenos Aires, dão-nos

a certeza de que os famosos ex-campeões do Mando se convenceram de que podem dispensar a colaboração valiosa de professores, apelidando-os de «inúteis», no que são em parte acompanhados por aquela série de dirigentes que se encontram em todos os países onde se joga futebol, convencidos de que os seus «internacionais» porque foram campeões, podem muitíssimo bem jogar sozinho pois que os seus conhecimentos sobram até para ensinar a quem estiver disposto a ser seu aluno.

Os motivos dessas afirmações por parte do profissional uruguaio são motivadas pelo regime de absoluta liberdade em que vivem, não se submetendo a treinos e métodos com a agravante de nem os próprios dirigentes pretendem impor uma disciplina interna nem saberem escolher e dar um ramo diferente que modifique a vida e a mentalidade desses profissionais.

Chega a parecer impossível que existindo no Uruguai dois clubes que foram sempre o padrão do futebol sul-americano — Nacional e Penarol — não exista ou sistema, treinador ou jogador que preste serviços vo-

luntários ou obrigatórios ao seleccionado oriental.

Nas convocações, na organização do jogo, no todo em geral, tudo é feito de improvisado e consoante os desejos manifestados ou pelos Clubes ou pelo jogador indisciplinado por natureza, que não acata qualquer ordem, venha ela de onde vier.

Infelizmente para os uruguaio o seu padrão de jogo, que foi maravilhoso, estará sempre num nível inferior a qualquer outro sul-americano, enquanto a mentalidade daqueles saudosistas do passado, autêntica praga existente no futebol oriental o alimentar de uma forma errônea como o têm feito até hoje.

Vejamos por exemplo o interminável número de treinadores que têm passado pelo futebol oriental e reparemos que nemham deles até hoje conseguia vingar, sejam eles argentinos, uruguaio ingleses ou italianos.

Os melhores, pois que actualmente não existe naquele país, um treinador de prestígio, os melhores, repito, viram-se obrigados a sair para o estrangeiro onde deram e continuam a dar provas da sua competência, como é o caso de Ondino Vieira e tantos outros que de momento não recordo.

No Uruguai, infelizmente, nada de útil se tem feito nestes últimos anos em prol do desenvolvimento tático do futebol; e enquanto existirem jogadores sem disciplina e sem um padrão profissional, o futebol oriental terá que retroceder bastante no conceito mundial, em que era tido como um dos melhores.

DESSPORTOS DO «STICK» OQUEI EM CAMPO

Começou o 24.º campeonato de Lisboa... e acabou o 18.º campeonato do Porto — mas deste ano! Cacharolete de notícias

DISSÉMO-LO por mais de uma vez: o Porto leva vantagem sobre Lisboa — no capítulo de ordenação das suas provas oficiais. E enquanto o campeonato do Porto — com muito maior número de clubes participantes (mais do dobro) do que o campeonato de Lisboa! — acabou já há mais de uma semana, com vitórias do Leixões e do Boavista, respectivamente em 1.ª e 2.ª categoria, o torneio regional lisboense principiou... precisamente no mesmo dia em que o «outro» acabou! Ora isto é sintomático — e nem sequer necessita de comentários.

Na primeira jornada da prova lisboense, que apenas conta — e contará durante quanto tempo?! — com o «favor» de cinco concorrentes, verificaram-se os resultados seguintes: Benfica-Atlético, 1-1; Belenenses-Oquei C. P., 3-0. Uma coisa se notou, para não destacar, é que a maioria dos jogadores são os mesmos... há mais de 10 anos!

— Antes do encontro F. C. do Porto-Atlético, para o campeonato nacional de futebol, efectuado no último domingo na capital do Norte, defrontaram-se as equipas de hóquei em campo dos mesmos clubes. Parabéns aos alcantarenses-santomarenses. Especialmente pela digressão

turística — e por mais este motivo de intercâmbio.

— Em Amesterdão, a partir do dia 15, vai disputar-se um torneio internacional entre equipas femininas. Estão inscritas oito nações. Portugal já teve — pelo menos que nos recorde — quatro grupos de oquistas-senhoras: Belenenses, Femenino do Porto, Sport do Porto e Cif — mas agora... Que pena nos faz pensar em tempos — que passaram — e decerto não voltam mais!

— E a Federação?! Faz-se, não se faz? Está constituída uma comissão de três activos dirigentes — dois de Lisboa e um do Porto — para que o «caso» seja resolvido. Mas será, finalmente, desta vez?!...

OQUEI EM PATINS

Começou também o 26.º Campeonato de Lisboa... e a Associação do Sul distribuiu prémios — Outras iniciativas

COM a participação de 14 clubes (8 na 1.ª Divisão e 6 na 2.ª) principiou há dias a disputar-se o 26.º Campeonato de Lisboa de hóquei em patins. Resultados da primeira jornada: Futebol Benfica venceu Académico da Amadora, por 7-1, 8-1 e 9-3, nas três categorias; Sporting de Oeiras derrotou Benfica por 7-3, em 1.ª, perdendo nas inferiores por 1-4 e 1-3; Cascais bateu Lisgás por 6-2 e 1-0, em 1.ª e 2.ª, saindo derrotado em 3.ª por 0-5; Oquei de Sintra em-

patou com Sporting de Oeiras, em 1.ª, por 3-3, ganhando em 2.ª por 2-1 e perdendo em 3.ª por 3-4.

Na 2.ª Divisão: Ateneu-Oquei C. P., 10-1; Naval-Cuf do Barreiro, 3-1. José Henriques (S. O.) com 4 golos — foi o melhor marcador.

— A Associação do Sul, no último festival efectuado no Pavilhão dos Desportos, procedeu à distribuição dos prémios atribuídos no ano de 1947. O Paço de Arcos, vencedor do campeonato, nas três categorias, recebeu três taças; ao Lisgás, que ganhou o torneio da 2.ª Divisão, foi entregue a taça correspondente, assim como ao Ateneu, vencedor na 2.ª categoria.

Benfica e Futebol Benfica, 1.º e 2.º classificados nos campeonatos de corridas, também foram entregues taças. Foram, igualmente, premiados todos os atletas que conquistaram os campeonatos de corridas e as patinadoras que mais se distinguiram, durante a época.

— No Barreiro efectuou-se um festival da modalidade, incluído no 10.º aniversário do G. D. Cuf, havendo dois encontros de hóquei e números de patinagem artística por Maria Antónia de Vasconcelos e Edite Cruz.

Nos desafios de hóquei, um misto do Futebol Benfica venceu o Cuf, por 4-2, conquistando a taça «Irmãos Almeidas», e o Futebol Benfica — grupo principal — derrotou o Benfica, por 3-0, ficando de posse da taça «Sidónio Serpa».

— A propósito: — Realiza-se (ou não) o Portugal-Itália, em Lisboa, no mês de Junho?! O encontro parece comprometido...

Jorge Monteiro

Começou o Concurso de Lisboa

JORGE MATIAS ganhou o Grande Prémio Internacional

Seguindo o exemplo do ano anterior a Sociedade Hípica Portuguesa dividiu o vasto programa do seu 37.º Concurso em duas partes. Uma, nacional, iniciou-se no sábado e termina na quinta-feira; a outra, internacional, terá início no próximo sábado e continuará até 23 do corrente.

Escusado será enaltecer o valor desta organização à qual concorrem este ano duas fortíssimas equipas estrangeiras que nele representarão a França, há 15 anos afastada do certame, e a Espanha, que anualmente nos tem visitado.

Bastaria este pormenor para dar ao Concurso Hípico Internacional de Lisboa uma atmosfera de interesse e um valor que, sem lisonja, o coloca em 1.º lugar entre as provas equestres da península.

Sabemos que tanto os cavaleiros franceses como os espanhóis têm verdadeira classe internacional e que

uns e outros vêm a Portugal com um grupo de montadas de grande categoria.

Há por isso extraordinário interesse na disputa de todas as provas mas, muito principalmente, na «Taça de Ouro da Península», na qual a luta se travará entre portugueses e espanhóis, e na «Taça das Nações», que reunirá as equipas dos três países e que há quinze anos não é disputada entre nós.

As provas de sábado e de domingo reuniram elevado número de concorrentes e serviram para apresentar em Lisboa muitas das montadas adquiridas no ano findo no sul da França, algumas das quais já haviam revelado em Mafra possibilidades de bons êxitos. Outros cavalos começam por sua vez a impor-se e a alcançar classificações muito curiosas.

Tudo isto deu às provas nacionais um interesse notório que teve o seu ponto culminante no «Grande Prémio Nacional» ganho inesperadamente pelo alferes Jorge Matias no «Florido» que, com um percurso bastante bom, bateu todos os favoritos entre os quais se encontravam «Brioso III» e «Ebro».

A prova era difícil, o que justifica que nenhum concorrente a fizesse sem faltas.

A prova «S. Jorge» concedeu ao capitão Rhodes Sérgio uma linda vitória na «Flama» seguido do tenente Pimenta de Castro na «Copaleen Rua».

Nas provas de sábado ha que destacar não só as boas vitórias do capitão Correia Barrento no «Facho» e a do tenente Rodrigo da Silveira na «Felina» com também a brilhante actuação de «Fauvette», agora montada pelo tenente Barros e Cunha; de «Favorito» conduzido pelo tenente José Morais.

A prova «Federação Equestre Portuguesa», que reuniu 80 concorrentes teve que ser interrompida no sábado e terminada no domingo. Coube o triunfo ao tenente Arantes da Silva que conseguiu um bom percurso com «Cinéfilo», seguido do tenente José Morais no «Napista» e do alferes Semedo de Albuquerque no «Ocarina».

As provas continuam na quinta-feira.

Antas Teixeira

As últimas provas de Mafra

O último dia de provas do Concurso Hípico de Mafra proporcionou ao capitão Fernando Cavaleiro, montado a égua «Gaza», magníficos triunfos — um na prova «Estrangeiros» e outro na «Taça de Honra». O conjunto impôs-se no certame mafrense principalmente no último dia, batendo-se, com vantagem, com todos os nossos ases. Na taça de Honra, «Congó» com Nascimento Nogueira e «Raso» com Correia Barrento, alcançaram bem os dois lugares imediatos.

Assinala-se a boa vitória do capitão Rhodes Sérgio que no «Que foi» ganhou a prova «Nacional», batendo «Brioso III» e «Ebro» tidos como favoritos.

A equipa do Benfica triunfou

no «Grande Prémio Alfredo Piedade»

Disputou-se no domingo a primeira prova particular da época em «independentes». E a iniciativa partiu do Benfica, que a incluiu no programa com que festejou mais um aniversário. O percurso traçado, com partida junto à sede, e chegada perto do campo de jogos, chegou a 174 quilómetros e era um tanto áspero, por englobar várias subidas difíceis. E foi corrida por equipas. Por isso ou por qualquer outro motivo, o Sporting não se inscreveu. A inscrição ficou assim, reduzida a duas equipas, de valor desenhado entre si. A iniciativa do Benfica, digna de estímulo, de um estímulo que servisse para assegurar a continuação, não encontrou, êxito completo.

Apenas disputada por duas equipas (5 corredores do Benfica e 3 do Cova da Piedade) e António Marques, do Arrolos, a prova teve, no entanto, especial êxito desportivo, pela movimentação que o próprio Benfica lhe deu, de princípio a fim. Houve luta entre os homens daquele clube. E um deles, Guilherme Jacinto, veio a ser ultrapassado, no percurso e sobre a «meta»... A média final, para o vencedor, foi de 31 quilómetros à hora aproximadamente.

Guilherme Jacinto fez o ataque inicial, isolando-se logo na Amadora. Passou no Ramalhão com um minuto de avanço, levando todos os outros corredores em perseguição, e sendo alcançado um pouco antes do Estoril, onde teve um «furo» e deu uma queda. Império dos Santos atacou, por sua vez, na subida da Malveira da Serra, e o grupo fracionou-se regularmente. Pinto Ribeiro, António Marques e Baltazar Rocha nunca mais «recolaram». Guilherme Jacinto e António Vieira, que passaram atrazados na Granja do Marquês, «recolaram» mais tarde para cederem de novo, na subida para o Sobral de Monte Agraço. João Rebelo isolou-se ali, mas, parando para beber água, foi apanhado e ultrapassado por Império, Mourão e António Maria. E coube a Império desferir o contra-ataque, com prejuízo para António Maria. Rebelo alcançou ainda os dois fugitivos e com eles lutou para a classificação na «meta». A vantagem a rolar pelo alcastrô do Campo 28 de Maio, pendeu para Júlio Mourão.

A ordem de entrada, foi a seguinte: 1.º Júlio Mourão (Benfica), 5 h.

O 9.º aniversário do Desportivo de A Iluminante

Um grupo de sócios de «O Desportivo de A Iluminante», clube que tem já um interessante passado, promove no próximo dia 22, na Casa da Comarca de Arganil, uma grandiosa festa para comemorar o seu 9.º aniversário, com a colaboração do Clube Radiofónico de Portugal e de vários artistas da empresa A. Rosa Mateus Lda.

36 m. 41 s.; 2.º João Rebelo (Benfica), 5 h. 56 m. 55 s.; 3.º Império dos Santos (Benfica), mesmo tempo; 4.º António Maria (Benfica), 5 h. 40 m. 15 s.; 5.º António Vieira (Cova da Piedade), 5 h. 43 m. 55 s.; 6.º Guilherme Jacinto (Benfica), mesmo tempo; 7.º Pinto Ribeiro (C. P.), 5 h. 58 m. 25 s.; 8.º Baltazar Rocha (C. P.), mesmo tempo; 9.º António Marques (Arrolos), mesmo tempo.

A classificação para a prova e respectivos, prémios ficou como segue: 1.º Benfica (Mourão, Rebelo e Império), 6 pontos; 2.º Cova da Piedade (António Vieira, Ribeiro e Rocha), 20.

O campeonato de juniores

Disputou-se também, no domingo, a segunda prova do campeonato de amadores juniores — os 75 quilómetros contra-relógio, vencendo Carlos Cristóvão, campeão regional de iniciados. Os primeiros classificados foram: 1.º Carlos (Manique), 2 h. 5 m. 21 s.; 2.º Armando Gonçalves (Benfica), 2 h. 8 m. 7 s.; 3.º Artur Lopes (Marconi), 2 h. 10 m. 9 s.; 4.º Francisco Luis Mota (Benfica); Júlio Lopes (Lisgás).

Cristóvão e Gonçalves ficaram empatados, com 29 pontos, na classificação geral. A terceira prova é que vai, pois, decidir do título.

O filho de Nicolau tornou a vencer

Os iniciados em preparação tiveram outra prova desta vez com 40 quilómetros um tanto puxados... Eduardo Nicolau voltou a vencer com nitidez, mas confirmando-se novamente o valor de Artur Gomes, seu rival mais directo.

Segue a lista dos primeiros classificados: 1.º Eduardo Nicolau (Benfica), 1 h. 51 m. 17 s.; 2.º Artur Gomes (Benfica), 1 h. 51 m. 45 s.; 3.º Adeline Miguel (Lisgás), 1 h. 50 m. 30 s.; 4.º Joaquim Venâncio (Malveira) 1 h. 56 m. 30 s.; 5.º José Maria Artiga (Combatentes).

Vai publicar-se Almanaque dos Desportos

Editado pela «Stadium», vai aparecer brevemente «Almanaque dos Desportos», uma obra que vimos anunciando há cerca de dois anos. Os cuidados postos na sua confecção trouxeram-lhe algum atraso, mas os desportistas portugueses terão um livro de grande categoria, dentro de pouco tempo.

"No Mundo da Bola"

Deixamos de fora a nossa habitual página «No Mundo da Bola», que tantos leitores conta, por absoluta falta de espaço, do que pedimos desculpa.

Ecos...

A direcção do Benfica, sem se impressionar com o que o facto poderia influir na classificação da sua equipa de honra no campeonato em curso — pois qualquer recuperação é possível ainda — aplicou sanções pesadas a três dos melhores componentes da sua referida equipa.

O facto merece realce, pela decisão e firmeza de ânimo.

♦ A avaliar pelo entusiasmo que desde já se nota em Vila Real de Santo António — pelos informes que dali recebemos — o encontro Lusitano-Sporting virá a ser foros de autêntica final de campeonato. E há muito quem creia na «escorregadela»... Que não seria a primeira, aliás.

♦ Cria foros de verdade o boato posto a circular, de que a 1.ª Divisão do Nacional será alargada para 16 clubes. Cremos acertada a medida, pela possibilidade que criará à A. F. Coimbra de se não ver afastada dum prova em que sempre teve lugar, e porque o colapso da Académica não pode nem deve ser olhado para além dum mero «acidente desportivo». Pelo seu passado na prova — sempre colocada no lote dos «melhores» — a «brtos» bem merece que se lhe dê carinho e atenção. O mesmo pensaríamos do Olanhense ou do Vitória de Setúbal, por exemplo.

♦ Foi prematura — e sem fundamento de qualquer espécie — a notícia vinda a público de que o Barcelona jogaria entre nós. Nem talvez em Agosto ou Setembro, como o campeão da Liga Espanhola pretende...

TRIUNFO histórico do PORTO



A defesa portuense leva a melhor contra o ataque do Arsenal



O guardarede inglês do Arsenal executa uma defesa por aito



Um defesa portuense não deixa o inglês avançar... e Barrigana defende com segurança



Fotos: HERMANN



Os jogadores do Porto passam a bola, de cabeça, com precisão, tornando inutil a intervenção do jogador inglês



PORTO-ATLÉTICO



Correia Dias no aproveitamento da má saída do guardarede inglês, marca de modo imparável a 3.ª bola



No final do encontro, os jogadores do Porto conduzem em triunfo o treinador do clube, o argentino Eladio Vaschetto

Correia, já depois de magoado na cabeça, continua a defender com êxito. Também vemos, em acção, nesta fase, Correia Dias

ADMIRÁVEL VITÓRIA

O Arsenal de Londres veio a Portugal ganhar um jogo — ao Benfica, por 4-0; e pender outro — contra o F. C. Porto, por 3-2.

Deste modo, o futebol português pode considerar-se de parabéns. Se, no primeiro desafio, no Estádio Nacional, embora portando-se valorosamente, não conseguiu o Benfica derrotar a «defesa de ferro» arsenalista, já o mesmo não aconteceu no Lima da Capital do Norte, onde o primeiro clube de Inglaterra teve de baixar bandeira perante o F. C. Porto, em cuja história honrosa fica inscrito mais um triunfo admirável dos de grande categoria.

O jeito para vitórias deste quilate parece segredo dos campeões nortenhos. Perderão algumas vezes desafios de menos importância. Mas, quando é preciso, encontramos sempre no popular agrupamento uma vontade de ferro, — vontade que atinge o máximo sacrifício.

Neste desafio contra o Arsenal, o F. C. Porto chegou a 3-0, resultado da primeira parte. Depois, defendeu com todo o entusiasmo a vantagem adquirida. Conseguiu o Arsenal reduzir a diferença para 3-2, mas à custa de dois castigos duvidosos. E embora a equipa vencedora, ao cabo de 90 minutos, estivesse esgotada, pois o esforço fôra violento, a ninguém deixou dúvidas esta vitória justa e digna dos melhores louvores.

E sem desdouro para todos os elementos — pois todos cumpriram o seu dever com energia, vontade e fé ilimitada! — há que destacar de, entre todos, o nome de Araujo, esse grande interior do futebol português que produziu, entre a multidão extasiada, uma extraordinária lição de jogo.

Bater o campeão da 1.ª Liga da Inglaterra é um desejo que anima todos os grupos do Mundo. E como esse campeão se chama Arsenal, vencedor esta época de todas as melhores equipas do seu país, com 7 pontos de vantagem, esse Arsenal de Chapman, glória dos desportistas de Londres e da Grã-Bretanha, — maior honra cabe ao F. C. Porto, que o desorientou durante toda a primeira parte do encontro disputado no Lima.

Sabe-se que o Arsenal de Londres tem uma classe superior à dos nossos melhores grupos. Pois tanto melhor. Assim, o F. C. Porto ganhou para o futebol português a honra de se classificar em bom nível.

A equipa portuense, já triunfadora de alguns dos melhores conjuntos da Europa e da América do Sul, concluiu o desafio esgotada, como era natural. Todavia, mesmo que este facto tenha de lhe perturbar a marcha no campeonato em curso, ninguém deixará de aplaudir entusiasmadamente a sua façanha.

Há resultados que valem um título. Que ficam na história de uma colectividade. O próprio Arsenal, o n.º 1 da Inglaterra, quicá da Grã-Bretanha, também se considerará por certo honrado ao saber que festejamos no Futebol Clube do Porto o seu vencedor glorioso!

Questões e problemas da desmarcação

O jogador de ataque terá de aceitar a «marcação», como o jogador da defesa terá de aceitar a «desmarcação».

Acceptar, neste caso, não significa resignação e muito menos fatalismo sem remédio. Um jogador de futebol, em momento algum, se deve considerar vencido...

Acceptação, aqui, expressa apenas legalidade, porque tanto uma como a outra, são coisas absolutamente legais do futebol.

Portanto, se o homem do ataque não deve renunciar, em presença das tentativas baldadas para bater o da defesa, este, por sua vez, não pode recorrer a rudesas ou contumácias, para anular a «desmarcação».

Uma e outra faltes, verificam-se frequentemente e dão origem a que os observadores superficiais do jogo digam cobras e lagartos da «marcação»!

Insistem esses observadores em que, na bola, somente existe — a «desmarcação», esquecidos, entretanto, da outra verdade do futebol: a «marcação»!

Para que a primeira, se não existia a segunda?

Mas nesta hipótese o jogo teria, necessariamente, de passar a ser regulado por uma lei que dissesse: «enquanto a bola estiver em poder dos jogadores de uma das equipas, os da outra não poderão intervir».

E isto seria, inexoravelmente, a morte do futebol!

O difícil da «desmarcação» será prodoto dela própria ou do jogador?

Já dissemos que a desmarcação se reveste de algumas dificuldades, embora então reconhecessemos que a maior percentagem dos seus embaraços resultava do próprio jogador, ou melhor, de determinadas saídas recebidas pelo jogador, no acto da sua execução. O jogador em movimento não dominará tão bem o lance, como quando se encontra parado, já porque a jogada, nestes casos, é susceptível de ganhar ou atingir um maior número de imprevistos, já porque o assalto, com frequência, a falta de confiança, relativa ao mais ou menos perfeito «controle» ou endosse da bola.

Marcar bem, revela progressos. Desmarcar bem, revela ainda progressos maiores.

Um exemplo. Nota-se que nos lançamentos ao longo das linhas laterais, os homens de equipa à qual é dado recomençar o jogo, por consequência à que se prepara para atacar, se submetem, com espantosa docilidade, à marcação dos homens da equipa que se defende. Ora essa docilidade é uma incongruência, que não se observa nas grandes equipas. Ao passo que, entre nós, só a contrariam, — e fomos a dizer por

instinto, — os jogadores excepcionais.

E a «desmarcação» é uma lei do futebol que necessita de ser conhecida de todos, ainda que nem todos os jogadores possam ser excepcionais.

A «marcação», como a «desmarcação», se não são movimentos pendulares e rítmicos do jogo, são, no entanto, movimentos de constante e permanente alteração, tão ligados e consequentes que, o futebol, só é bem jogado por «teams» que marquem e se desmarquem bem.

O momento exacto da passagem de um para o outro movimento é que define e vincia a classe das equipas — e dos jogadores.

Se cada uma tem de ser aprendida de per si, se a sua execução tem qualquer coisa de distinto e diferente que só explicações e estudações são susceptíveis de perfeita e total compreensão, sapomos, todavia, a teoria da segunda, — tendo razões de sobre para assim julgarmos... — muito menos divulgada que a da primeira.

Numa equipa, todos os jogadores devem saber marcar e desmarcar-se.

Os da defesa e os do ataque.

Se aos homens das formações ofensivas cabem obrigações de marcação, para evitar a organização de contra-ataque, aos dos sectores recuados competem também deveres de desmarcação, quando os seus grupos atacam.

Ora nas nossas equipas observam-se, igualmente, lapsos constantes, quanto a este aspecto.

Em relação às defesas, o mais flagrante e chocante, reside na ausência de colaboração e entendimento entre os homens do trio-base do M. Se o médio-centro se adianta, os defesas permanecem de vigia aos extremos, — esquecidos de que existe a lei da «desmarcação» e outra lei, talvez mais importante, da colaboração que devem ao companheiro... Como o médio-centro olvidará repetidas vezes o auxílio de que carece o defesa que avança.

E o caso do jogador do ataque que se desinteressa do lance, mal lhe arrebata a bola?

Esse é ainda mais vulgar. O sentido real, verdadeiro e perfeito dos dois processos só transparece e resulta, quando a «marcação» se transforma em «desmarcação» ou vice-versa.

De outro modo os «teams» serão sempre inconsequentes, — quando atacam ou quando se defendem.

Adriano Peixoto

A seguir: O remate.

Comentarios

Dura lição

PERDER ou ganhar, sempre é desporto; e o receto ou a quase garantia previa da derrota não deve impedir que se prossiga na campanha desportiva. Estas palavras, que constituem um banalissimo lugar comum, são no entanto indispensáveis a preambular as considerações que seguem.

Certas derrotas, porém, confrangem; ou, melhor dizendo, a nitidez impressiva de inferioridade técnica ou de incapacidade realizadora recolhida em certos confrontos é confrangedora, mesmo para o mais tolerante dos espiritos desportivos.

Foi assim que sucedeu, para enorme desilusão de todos quantos a ele assistiram, durante o encontro de basquetebol disputado aos espanhóis.

Nem pelas competições antecedentes, nem mesmo pelas mais recentes exhibições de grupos portugueses lutando entre si, se podia prever tão completa insuficiência; andamos vários anos para trás e fizemos figura de aprendizes, de maus aprendizes.

Deve, evidentemente, entrar-se

em conta com a classe da equipa adversária, que é grande e com a sua preparação, que era magnífica. Mas aqui se encontra o ponto crucial da lamentável situação criada: porque os nossos representantes — dizem-no os críticos mais competentes da especialidade — nem haviam sido criteriosamente escolhidos, nem tinham recebido a conveniente preparação.

O problema da errada escolha, tomando como base elementos lisboetas depois de uma significativa série de derrotas do seu melhor seleccionado, é da mais elemental evidência.

Quanto à preparação técnica, verifica-se uma vez mais o perigo do empirismo em matéria desportiva; a prática, o conhecimento directo das coisas e a experiência são factores indispensáveis para uma competência real. O estudo dos livros, a ciência decorada, com a ajuda embora da melhor boa vontade, não chegam.

Oxalá a lição não seja perdida.

Frei Thomaz

O atletismo está lutando entre nós contra uma grave crise de recursos e de dirigentes. Todos o sabem e procuram remediá-lo as pessoas de boa vontade e animadas por espirito de dedicação; estas são as que possuem o direito de comentar e criticar, porque abalizam a sua opinião com actos, trabalho, sacrificios.

O que nos parece estranho é o pretencioso cantar de galo de certos individuos que faliram estrofosamente quando foram chamados a dar prova da boa vontade e competência que apregoavam em si próprios.

Vem isto a propósito de certas apreciações severas e acusações aliradas a esmo sobre os organismos hierárquicos da modalidade e do desporto em geral, nas páginas de um diário portuense, por alguém que assina E. S., letras que não conseguem esconder a personalidade de um «técnico» sob-jamante conhecido.

Que a Associação Portuense de Atletismo não encontrou ainda os dirigentes de que carecem os interesses regionais, é facto incontroverso. Devem reconhecê-lo todos quantos labutam pela propaganda e progresso da modalidade; mas só têm autoridade para o proclamar e censurar publicamente, aqueles que, chamados a agir, lutaram contra a corrente e diligenciaram produzir.

Ora este E. S. foi, quando muito — já não queremos chamar-lhe um dos coveiros — foi um dos acompanhantes do enterro do atletismo portuense. Qual foi a sua obra na A. P. A., durante o tempo em que conseguiu guindar-se até lá? Zero, zero e zero.

Assim, então, é melhor estar calado e guardar para si os conselhos que promete dar aos outros.

S. C.

ARCADIA O DANCING N.º 1

= DA CAPITAL =

Apresenta um formidável programa de atracções com

Os principes do ballet espanhol MERCEDES LEON-ALBANO ZUNIGA

BALLET ALMA ESPANHOLA

BALLET DIX LOUISE GIRL'S

Mary Mely — Mercedes Romero — Conchita Perez — Mabel Valencia — Almodena Quevedo — Pilarin Martin — Merche Martin — Milagrito Sancho — Loli Cañi — Maruja Casado e as Orquestras TOSELLI com o cantor ALCINO DUQUE e ARCADIA

Sexta-feira, dia 14, estreia da ORQUETRA CARMELO LARREA

Com a vocalista JOSITA TENOR

Abertam às 22 horas — 1.ª parte de variedades às 24.15 horas

A visita dos campeões de França

Merece incondicionais aplausos a iniciativa da Inspeção Universitária da Mocidade Portuguesa, trazendo a Lisboa a equipa de voleibol de Montpellier V. C., que ostenta o título de campeão absoluto da França em 1947 e inclui entre os seus elementos três internacionais efectivos: Claparède, Delousteau e Demotte.

As três sessões do torneio, no excelente recinto do Pavilhão dos Desportos, nos quais sucessivamente lutaram contra os franceses as equipas das Faculdades de Económicas e Letras e o I. S. Técnico, puzeram à prova o valor do voleibol português que pela primeira vez mediu forças com adversários estrangeiros, de averiguada categoria, e forçado nos a reconhecer com satisfação que não safu diminuindo do conjunto.

Se quisermos resumir em poucas palavras a impressão geral, diremos que o grupo de Montpellier não provou superioridade, nem técnica, nem tática, sobre as nossas formações, mas demonstraram muito melhor preparação física e provaram-nos que, no moderno conceito do voleibol, os

seis jogadores devem ser rematadores e a formação do bloco é a base indispensável à eficiência defensiva.

Os estudantes franceses venceram no primeiro encontro a equipa de Económicas por 15-11, 15-12, 15-12, sem muito se esforçarem porque os portugueses nunca tiveram quem rematasse convenientemente e com sequência.

O grupo de Letras, na noite seguinte, deu melhor réplica, graças à magnífica exibição de Câmara Pereira, de momento o melhor atacante nacional: o resultado foi de 6-15, 15-9, 15-13, 15-7 e no decurso da luta foi cada vez mais flagrante a falta de fundo dos nossos jogadores e a disparidade de valor entre as linhas dianteiras, quando Câmara Pereira delas fazia ou não parte.

O jogo contra o Técnico foi uma das mais emotivas partidas a que temos assistido e, também, das de melhor classe técnica.

Montpellier fez o primeiro ponto ao segundo serviço, mas os «engenheiros» distanciaram-se ao quinto serviço e ganharam brilhantemente, em 18 serviços, por 15-8. Registamos, por curiosidade os remates decisivos: Nuno Barros, 6; Frois, 5, entre eles o do ponto final; Frade e Martins, 2; Dulon e Villemain, 3; Vabre e Demotte, 2; Delonsteau, 1.

No segundo jogo, aquele em que melhor se exibiram as faculdades defensivas do conjunto nacional, venceram os franceses por 16-14, com igualdade a quatorze no 29.º serviço. Remates vencedores de: Martins 4, Frois 2, Frade e Barros 1; Delonsteau 4, Dulon 3; Vabre, Demotte, Villemain e Briondes 2.

Como se verifica todos os franceses conseguiram pontos em remate.

No terceiro jogo o Técnico, para descansar os seus elementos, substituiu-os pelo grupo reserva e, em consequência, foi facilmente batido por 15-6, em treze serviços.

No jogo a seguir, aquele em que melhor agiram, os «técnicos» somaram 15-4 em doze serviços, ficando-nos a impressão de que os franceses se poupavam para o jogo decisivo, que foi empolgante.

Ao 12.º serviço, Montpellier comanda por 7-5, mas o Técnico recupera no imediato e, ao 15.º serviço

tem 10-7 a seu favor; o adversário pede um minuto de descanso e, duas rondas depois iguala a dez, 11-11 na seguinte, 12-11 para o Técnico, 12-12 e no serviço dos portugueses o árbitro valida-lhes dois mates de Barros que foram autênticos transportes, e a equipa ganha 15-12, com absoluto merecimento, a-pezar de tudo.

Alegaram os franceses, em protestos que por parte de um elemento excederam as normas académicas, que houvesse cinco toques numa jogada portuguesa, porque a bola em remate fora repelida pela rede e não pelo seu bloco. Não vimos, da bancada, este pormenor, mas não temos dúvida sobre os flagrantes transportes de Barros.

Em conclusão: o que vale o voleibol português? Vale classe internacional, mas não exageremos a sua categoria; recorde-se que a França é bastante inferior aos países centro-europeus e eslavos, mas já não é pouco cotarmos-nos entre os melhores latinos e ocidentais, certamente superiores a italianos, belgas e espanhóis, estes praticamente alheios à modalidade.

A equipa francesa jogou ainda contra um mixto Sporting-Benfica, do qual é melhor nem falar. Não houve objectivos de carácter desportivo na organização deste encontro pela Associação de Lisboa, que prestou um mau, péssimo serviço à modalidade.

Salazar Correia

OQUEI EM PATINS

A cidade do Porto

recebeu condignamente os campeões do Mundo

Não esquecerá facilmente a jornada gloriosa do óquei em patins, que, no último sábado, chamou à nave central do Palácio de Cristal, do Porto, mais de cinco mil pessoas — um recorde para organizações do género na capital do norte — e ansiosos por verem em acção os seus representantes contra os campeões do Mundo; e diga-se desde já que o comportamento dos portuenses foi brilhante e coroado por uma exibição que os igualava aos vencedores do torneio de Montreux.

Este VI Norte-Sul deixou-nos a impressão de ter sido a mais disputada partida de quantas se têm desenrolado entre as duas selecções, e talvez, até, a melhor a que o Porto assistiu. Está, portanto, de parabéns a equipa do Norte — cuja derrota pela diferença mínima significa «quase semelhança», em qualidade de jogo, com o grupo campeão do Mundo. Em suma: — Portugal tem, na representação do Norte, tal como ela jogou no sábado, a sua verdadeira equipa B.

Mas se o VI Norte-Sul correspondeu perfeitamente à expectativa, interessando do princípio ao fim e fazendo vibrar de entusiasmo a multidão, a estreia dos juniores, em competição inter-regionalista, foi, também, um belo espectáculo, pela vivacidade que os jovens campeões emprestaram

ao desafio. E três rapazes se distinguiram, especialmente, chamando sobre si as atenções do público e dos técnicos. São jogadores feitos — e o óquei em patins pode e deve contar com eles no futuro como dignos sucessores dos ases da actualidade. Convém fixar os seus nomes: Ramalho II, guarda-rédes do Norte, irmão do «keeper» da turma principal; Carlos Bernardino (Sul) e António Figueiredo (Norte) — os dois médios, de características diferentes, ambos, porém, igualmente voluntariosos e hábeis. Adicionem-se-lhes ainda os nomes das três gentis meninas, que, em exhibições admiráveis de patinagem artística, inebriaram positivamente a assistência: — a pequenita e engraçadíssima Maria Antónia de Vasconcelos; a graciosa e exuberante Tila Pedroso, e Edite Cruz, a de mais «cartaz», com a sua simplicidade e certeza daquilo que vale.

No desafio dos jovens — antecedido de uma exibição de dois grupos infantis do Estrela e Vigorosa — alinharam e marcaram: Norte — Ramalho, Irineu, António Figueiredo (a), Manuel Figueiredo, Freire e Catolino; Sul — Pires, Rocha, Bernardino, Perdigão, Pinheiro e Carrêlo. Arbitrou Romão Santos (Porto). E no VI Norte-Sul: Sul — Emídio, Raio, Sidónio (1), Olivério (1), Correia dos Santos (1) e Joaquim Miguel; Norte — Ramalho, Correia de Brito, Manuel Soares (1), Ribeiro, Figueiredo (1) e Polónia. Arbitrou Frederico Payssonard (Lisboa).

A «caravana» de Lisboa — que por gentil deferência da A. P. Sul levava consigo três jornalistas da especialidade — e, principalmente, aos campeões do Mundo, foram dispensadas várias homenagens por entidades oficiais e particulares.

Jorge Monteiro

COMPANHIA COLONIAL

DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

A biografia de Jesus Correia

Apresentada pela Editorial Jack, de Santarém, e escrita pelo nosso camarada Rodrigues Teles, aparecerá esta semana um livro com a biografia de Jesus Correia, campeão do Mundo de óquei em patins e «internacional» de futebol. Depois da biografia de Jesus Correia, outros ases apresentará também a Editorial Jack.



O 37.º CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL DE LISBOA

INICIARAM-SE no sábado as provas do mais importante certame hípico nacional. Delas damos três aspectos. À esquerda o capitão Correia Barrento, no «Facho», vencedor da prova «Inauguração»; ao centro as duas únicas senhoras inscritas no Concurso, D. Eduarda Macedo Basto no «Psyché» e D. Dilette Valadas na «Bailarina»; à direita o tenente Joviano Ramos no «Espadinho», concorrente à prova «Federação Equestre Portuguesa».

CICLISMO



Os vencedores das provas de domingo passado: Júlio Mourão, do Benfica, que ganhou o Grande Prémio Alfredo Piedade; Carlos Cristóvão, 1.º da prova de júniores, do Manique de Baixo; Eduardo Nicolau, o filho do grande Nicolau, 1.º em iniciados

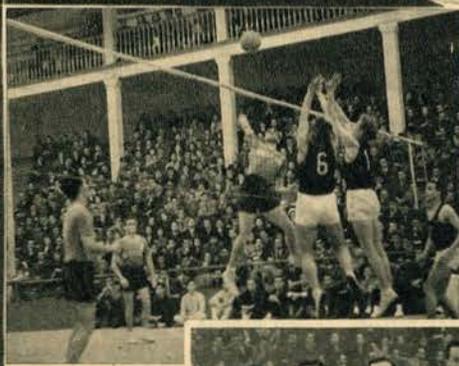


O Benfica o grande clube português, um dos Históricos, festeja o seu 44.º aniversário. Presidiu à sessão solene comemorativa do facto o sr. Director Geral dos Desportos, ladeado pelos srs. professor André Navarro, da Federação Portuguesa, e major Ribeiro dos Reis. O presidente do clube, sr. brigadeiro Tamagoini Barbosa, pronunciou um discurso brilhantíssimo e a sessão



Fotos: F. SA

Iniciou-se a época de natação. No festival de abertura, registou-se um novo recorde, o de 100 metros livres, que Fernando Esteves Madeira colocou em 1 m. 9 s. e 4/10. Em cima: As nadadoras Lucilla Ancejs, do Algés e Maria Fernanda Ferreira, do Estoril Praia, na partida dos 100 metros costas



**Voleibol
BRILHANTE
VITÓRIA DO
"TÉCNICO"**

Em cima: Um momento da final Montpplier - Técnico, que este venceu com invulgar brilho; ao lado, a equipa de Montpplier, 2.ª classificada do Torneio Internacional



BENFICA 1 - ELVAS 2



1 — Calleja, numa esplendida defesa por alto; 2 — Xico Ferreira, ao ataque, teve ímpetos gigantescos mas não atingiu resultados práticos; 3 — Apesar das insistências do ataque do Benfica, o guardaredes do Elvas saiu-se airoosamente de todas as situações



Fotos: AMADEU FERRARI

Fotos: MANIQUE



1 — Jesus Correia, o mais esforçado dos atacantes leoninos, numa jogada por alto que Baptista consegue deter; 2 — A disputa da bola entre Jesus Correia e o médio do seu lado; 3 — Peyroteo não conseguirá passar o obstáculo...

Vitória 1 - Sporting 0

Belenenses 7 — Boavista 0



Fotos: J. GARCIA

Em cima — Quaresma caiu, e o guardaredes executou a defesa sem dificuldade.
Ao lado — Um molho de jogadores, com o team de Belem ao ataque

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O F. C. P. ESTÁ AGRADECIDO AO COMÉRCIO PORTUENSE

O comércio portuense acompanhou a iniciativa do F. C. do Porto, facilitando a saída dos seus empregados a horas de assistir ao jogo contra o Arsenal. A direcção do Clube, como agradecimento, enviou para os jornais o seguinte comunicado:

«O Futebol Clube do Porto vem por este meio, extremamente sensibilizado, agradecer ao Comércio desta cidade a maneira cavalheiresca com que atendeu o seu pedido de facilidades para os seus colaboradores, com vista ao jogo disputado com o Arsenal de Londres.

Não foi em vão que o Futebol Clube do Porto se dirigiu ao honrado Comércio portuense, que tantas e inesquecíveis demonstrações de carinho, tem dispensado a este Clube, e espera continuar a merecer-lhe as mesmas atenções, prometendo futuramente, honrar com brio e galhardia as nobres tradições da cidade que lhe é berço, dando ao seu braço novos louros a juntar aos já conquistados nas pugnas desportivas com agrupamentos estrangeiros.

Ao Comércio portuense, o Futebol Clube do Porto renova os seus agradecimentos, pela contribuição dada para o magnífico espectáculo que constituiu o Estádio do Lima na memorável e imorredoura tarde de 6 de Maio de 1948, que ficará escrita a letras de ouro nos anais desportivos do nosso querido Porto».

O F. C. P. CONTA DE NOVO COM JOAQUIM

O excelente médio do F. C. do Porto, que saíu fortemente lesionado do desafio com o Belenenses, no Campo das Salésias, reapareceu o mais brilhantemente possível, contra o famoso Arsenal de Londres. Para muitos, Joaquim foi dos melhores homens em campo, como Araújo, Barrigana e Alfredo — sem que a todos os outros elementos da equipa possa passar-se nota fraca.

Joaquim, vigoroso e jovem, está de facto um médio feito. Jogando sobre a bola com o mais extraordinário «à vontade», entregando o esférico com admirável certeza, Joaquim não tem hoje rival. Araújo, quando Joaquim o acompanha, sente-se capaz de todos os cometimentos. Contra o Arsenal, o excelente médio do F. C. do Porto principiou apressivo. Porém, logo que os mús-

Uma grande vitória

O F. C. do Porto, — toda a gente sabe — é o grande agrupamento da cidade. Logo, como é natural, a sua grande vitória sobre o campeão da Liga de Inglaterra, o famoso Arsenal de Londres, por ter sido justa e obtida após uma exibição de grande vulto, arrancou aplausos vibrantes, vindos de todo o país, das ilhas e das colónias. Entre centenas, achamos interessante apontar os telegramas seguintes:

Desportistas de Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Minas de S. Domingos, António Cristo, de Aveiro, sócios 205 e 701 do Benfica, Rodrigues Teles, Dr. Virgílio Paula, pela Comissão Central dos Arbitros; tripulantes da barca «Foz do Douro»; Sport de Rio Tinto, F. C. da Foz, Académica de Coimbra, Académico de Viseu, Clube Desportivo da Feira, Grupo Desportivo de Rezende, Flávia S. G. G. D. Estoril, «Os Belenenses», Almada Atlético Clube, Sport Cazarias, Celoricene, Sacavenense, Montijo; desportistas de Alcácer do Sal, Vila Praia de Ancora, Sinfaes, Pessegueiro, S. Martinho de Miúros, Viseu, Entroncamento, Santa Comba Dão, S. João da Madeira, Castelo de Paiva, Vila Verde, Alijó (do comércio local), Alpiçã, Mirandela, Murça, Elvas, Moimenta da Beira, Vila Real, Santo Tirso. A narante, Oeiras, «4 sportingistas de Lisboa», Ricardo Cardoso, José Donas, grupo de estudantes nortenhos em Lisboa, professoras da Escola Masculina de Arrancada do Vouga, adeptos e sócios do Benfica frequentadores do Café Portugal em Lisboa, Antero Neves — jornalista em Elvas, etc., etc.

Da Ilha da Madeira receberam-se vários telegramas.

Também a Província Ultramarina de Angola se manifestou: F. C. de Luanda — Jilal do F. C. do Porto, «4 portuenses de Luanda», portuenses residentes em Malange, um grupo de portugueses residentes no Rio de Janeiro, etc.

De Castro Daire, onde se queimaram foguetes logo após a notícia da vitória portuense — que também é nacional — recebeu o F. C. do Porto um telegrama assinado pelos desportistas Ernesto Augusto Oliveira, Hernani Morais, Reinaldo Silva, Augusto Almeida Pinto, Manuel Avelino, Custódio Falcão, Carlos Machado e António Martins.

Por sua vez, a Direcção Geral dos Desportos e a Federação Portuguesa de Futebol, manifestaram o seu regozijo com o envio de telegramas de cumprimentos. A A. F. Porto publicou igualmente uma circular louvando o F. C. Porto.

E os adeptos do campeão do Norte, como aqueles a quem a vitória agradou (todos os portugueses, com certeza) vão oferecer à briosa equipa um trofeu comemorativo.

culos avariados durante 30 dias lhe demonstraram toda a sua firmeza — apareceu-nos ao de cima toda a boa classe do correcto jogador de Leça.

Parabéns ao simpático rapaz. Estava a fazer falta ao futebol e ao seu clube.

... MAS CARVALHO ENTROU EM «PANE»

No entanto, o F. C. do Porto está sem sorte. Carvalho já não jogou em Vila Real de Santo António e nem contra o Arsenal, por lesão. Logo, a linha Joaquim — Romão — Carvalho, que os portuenses tanto desejam nesta altura, não pôde ainda ver-se no terreno.

Romão tem agradado muitíssimo, no seu posto de médio-centro. Carvalho tem todas as boas características de um médio-defesa. E Joaquim... é Joaquim. A composição deste trio intermediário permite também a passagem de Gastão para o ataque. Logo, deseje-se que o jovem Carvalho possa regressar ao grupo

Dez tostões por pessoa!

O nosso prezado colega de «O Comércio do Porto» lança no seu jornal uma ideia interessantíssima: — que os desportistas contribuam com um escudo cada para oferecer um trofeu comemorativo ao campeão nortenho, glorioso vencedor do Arsenal de Londres.

A lembrança é interessantíssima. Os desportistas do Porto, e não só estes, não deixarão por certo de contribuir com a simples verba de um escudo. Até mesmo os indiferentes, os que não alinham na falange numerosa do popular clube, querem deixar o seu nome ligado à vitória.

Assim, Stadium associa-se à iniciativa. Pode desde já contar-se com a nossa colaboração e também com os nossos 10 tostões. Esta vitória, bonita, vitória do futebol português, merece bem as simpatias gerais.

Curiosidades...

No Boavista trabalha-se afanosamente na construção da bancada que substituirá uma outra, já demolida. Assim, no próximo domingo, os associados e o público simpatizante podem instalar-se o melhor possível.

♦♦ Está despertando muito interesse o próximo jogo Boavista-Benfica. A despeito da copiosa derrota sofrida pelos rapazes do Bessa, em Belem — sabe-se que, no seu campo, o Boavista é sempre um bom adversário.

♦♦ O F. C. do Porto está bastante embarçado com a falta de Carvalho, Guilhar e Catolino. A defesa, especialmente, sente a ausência dos dois primeiros. Pelo menos, contra o Atlético, aconteceu assim.

♦♦ A derrota da equipa portuguesa de basquetebol, contra a Espanha, tem sido comentadíssima nesta cidade. O esquecimento a que foram votados alguns jogadores portuenses é apontado com o mais natural dos azedumes.

♦♦ Também se comenta a formação do grupo nacional de andebol. Será sempre assim enquanto a rivalidade Porto-Lisboa estiver ao de cima.

T E N I S B O L A S

Wilson

Americanas nova remessa a
Esc. 10\$00
R. B. L. Praça de S. Paulo, 19
Lisboa — Telef. 21838

o mais rapidamente possível, mesmo porque Virgílio, que o substitue actualmente, deve ter lugar no ataque...

Sobre a falta de Joaquim, e agora a de Carvalho e Catolino, ha a registar outra, e bem importante: — Victor Guilhar. O capitão da equipa do F. C. Porto faz extraordinária falta ao seu grupo, tanta ou mais que Catolino e Carvalho.

FUTEBOL

Em Inglaterra

TERMINOU no último sábado a temporada futebolística na Inglaterra, cujos resultados principais passamos a resumir.

Em primeiro lugar, recorde-se que os ingleses venceram o campeonato das Ilhas Britânicas, à frente da Escócia, da Irlanda e do País de Gales e que o clube Manchester United conquistou a famosa Taça da Associação de Futebol, batendo por 4 a 2 o clube Blackpool, em Wembley, com o que é de tradição, na presença de 99.000 espectadores, sendo a receita do desafio de 39.500 libras.

A Taça dos Amadores ficou em poder do clube Leytonstone, vitorioso sobre o D. rnet por 1 tento a zero. A assistência ascendeu a 59.605 m-s e a receita foi muito escassa: 4.585 libras, somente.

Sobre os resultados do Campeonato Divisionário da Liga, os principais acontecimentos foram os seguintes:

Na 1.ª Divisão, o Arsenal conquistou o primeiro posto, seguido do Manchester United. Em 42 jogos obteve 23 vitórias, 13 empates e seis derrotas, totalizando 59 pontos. Os dois últimos qualificados (Blackburn Rovers e Grimsby Town) baixaram à 2.ª Divisão.

O Birmingham City classificou-se em primeiro lugar neste agrupamento divisionário, seguido do Newcastle United. Ambos ascenderam à Divisão superior. Na queda, ocupando os dois postos extremos, ficaram o Millwall e Doncaster Rovers, relegados à 3.ª Divisão. Nesta, houve dois promovidos: o Queens Park Rangers, na zona Sul e o Lincoln City, na zona Norte.

Alguns dados estatísticos curiosos: As vitórias de maior retumbância, pelo volume de golos marcados, foram conseguidas pelo Arsenal sobre Grimsby (8-0) na véspera da partida para Lisboa e pelo Wolves sobre o mesmo clube (8-1). O melhor comportamento do trio defensivo de todos os clubes foi o do Birmingham. Durante a temporada consentiu, apenas, 26 golos, quer nos desafios da Liga como da Taça, e o pior foi o do Grimsby Town, com 115 tentos.

Os grandes marcadores da 1.ª Divisão foram: R. Voke, do Arsenal (33 golos); Mortensen, do Blackpool (31); Fenton, do Middles; Stubbins, do Liverpool e Rowley, do Manchester United, todos com 28 golos no activo.

A maior enchente nos jogos da Liga verificou-se no desafio Arsenal-Manchester United, efectuado a 17 de Janeiro, e foi de 81.000 pessoas. Quanto a transferências, registem-se as de Lawton (do Chelsea) para Notts County; de Shackleton (do Newcastle) para o Sunderland; e a de Lowrie (do Coventry) para o Newcastle, todas por mais de 20.000 libras.

A promoção do Lincoln City, constituiu um belo triunfo para os jogadores semi-profissionais cujo team se compõe de 3 maquiinistas,

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

Reginaldo Harris, o brilhante ciclista inglês, campeão do Mundo, amador, de velocidade, propou já, várias vezes, que possui um espirito combalio muito acima da média.

Este rapaz de 28 anos, natural do Condado de Alencastre, traz-nos à ideia — sem querer — uma brilhante página da nossa História, recordando as virtudes de D. Filipa, grande educadora e mãe da inclita geração dos nobres Infantes. Na Líbia, durante a recente guerra do Norte de Africa, ficou horrivelmente queimado, por se ter incendiado o tank onde seguia. Os médicos deram-lhe baixa de serviço, em 1944, e consideraram-no incapacitado definitivamente, como militar e como desportista. Harris protestou, acabando por se rir do prognóstico da medicina. Três anos mais tarde, conquistava o Campeonato Mundial de velocidade, graças à sua tenacidade, pertinaz e inflexível.

Pouco tempo depois sofreu uma queda desastrosa e quebrou o nariz. Quatro dias volvidos, contra o conselho prudente da medicina, corria de novo, pedalando como um alucinado e chegando à meta em primeira posição.

Operado à garganta, nem por isso interrompeu a sua vida ciclista e cada vez se mostrou mais confiado!

A fatalidade, entretanto, perseguia-o. Um desastre de automóvel levou-o ao hospital, com uma fractura na coluna vertebral. Fractura dupla, diz-se, com visos de verdade.

Tudo parecia indicar que Harris, provável vencedor nos próximos Jogos Olímpicos, estivesse definitivamente posto de parte, por muito tempo. Longe disso! Na presente semana vai tentar, outra vez, o impossível, entrando em duas provas preparatórias disputadas em Manchester e Herne-Hill.

Escusado será dizer-se, que a tenacidade deste homem de aço traz em sobressolho — de curiosidade e expectativa — a opinião pública inglesa. Ninguém lhe nega um atributo raro e valiosíssimo, cujo mérito consiste em resistir à adversidade, por maior que ela se mostre. E, ainda, saber desprezar a fragilidade da sua a-quietura sobrepondo-lhe um otimismo tipicamente britânico. Melhor que isso! Ultra-britânico, diremos nós, pois é, acima de quaisquer outras considerações racionais, o seu profundo desportismo que lhe serve de alicerce moral e o impulsiona até ao desprezo máximo das debilidades da carne — frágil carcassa onde reside o génio das almas verdadeiramente fortes.

Reginaldo Harris: um exemplo raro de fé em si-próprio e no seu destino. — R. B.

2 operários fundidores, dois mineiros, um pxeiro, um electricista, um telefonista e um vendedor de artigos de desporto.

O Charlton teve um belo arranço final, que o guinou a um lugar «azarento», o 13.º da classificação, depois de se achar prestes a descer à 2.ª Divisão. O mesmo se poderá dizer do Bolton. Quanto ao Sunderland, ficou em antepenúltimo. Foi, o que se costuma chamar, uma escapadela por um triz!

Escócia, 2-Bélgica, 0

NO vastíssimo esferódromo de Hampden Park, em Glasgow, realizou-se o projectado desafio de futebol entre as selecções escocesa e belga. Apesar da Escócia não ter alinhado a avançado-centro o conhecido Delaney — ávidamente retirado pelo Manchester United, sob o pretexto de estar magoado — os escoceses triunfaram por 2 tentos a zero.

TENIS

Henri Cochet finalista mas derrotado

O Campeonato Internacional de Paris, a primeira competição importante do calendário francês, efectuou-se no Estádio Roland Garros, sendo finalistas o veterano Henri Cochet (46 primaveras) e Marcel Bernard. Depois de uma árdua batalha a que assistiram dez mil espectadores, Bernard derrotou o seu compatriota por 6/4, 6/3 e 6/2, confirmando a sua classe e excelente «formas actualis».

A final entre senhoras coube a Madame Nelly Landry, vencedora de Mademoiselle Ana-Maria Saghers, por 3/6, 8/6 e 6/2.

Pedro Massip e o americano Budge Patty ganharam o torneio de pares, vencendo a parilha Bernard-Bolelli por 6/4, 6/4, 4/6 e 6/3.

A Taça Davis

OS nossos vizinhos espanhóis foram eliminados desta importante competição, sucumbindo perante os fortes jogadores suecos Johansson e Lennart Bergelin. Mário Szawost — ex-hungaro, naturalizado — perdeu por 6/4, 6/2, 4/6 e 6/0 com o segundo nomeado e Castellá teve igual sorte ante o primeiro, por 6/3, 6/2 e 6/1.

ATLETISMO

Se a Alemanha participasse nos J. O.

SE a Alemanha pudesse tomar parte nos Jogos Olímpicos, mesmo nas terríveis condições actuais em que se encontra, é quase certo que sairia triunfante numa prova atlética: o lançamento do martelo.

De facto, os seus representantes Luis e Storch já arrojaram aquele engenho, durante este ano, respectivamente a 59,89 e a 58,87 metros, distâncias superiores a tudo quanto se fez noutros países.

Uma «esperança» australiana

OS australianos depositam muitas esperanças, bem fundamentadas, aliás, no jovem atleta de 21 anos, Peter Mullins, especializado em decatlo. Recentemente, na Nova Zelândia totalizou 7.538,34 pontos, a terceira ou quarta proeza de mais valia levada a cabo no Mundo.

Mullins distingue-se como saltador em altura e à vara.

BOXE

Duas vitórias espanholas

Ansenio e Juanito Martin triunfaram em Madrid, no Frontão Fiesta Alegre, sobre os franceses Benechbrit e Leclerc. As decisões foram obtidas por pontos, ao cabo de dez assaltos.

Martin apresentou-se destreinado e os dois forasteiros não passaram de valores discretos, primando em defender-se.

Nova vitória de Luis Romero

Na Praça de Touros, de Valência, efectuou-se um sarau de boxe, cujos principais resultados foram os seguintes: Luis Romero pós fora de combate o suíço Weber, mas esteve na lona por 8 e 5 segundos devido à violência dos golpes do adversário, e Ben Buckler empatou com o italiano Milandri.



Fotos : MARQUES DE CARVALHO

ACADÉMICA 1 — ESTORIL 5

Ao lado — Diogo entra impetuosamente e corta um ataque do Estoril; em baixo — Gorada uma iniciativa do Estoril, os estudantes, colocados, vão desenvolver a contra-ofensiva



PORTUGAL-ESPANHA EM BASQUETEBOL

Os espanhóis de frontaram os portugueses em basquete e venceram, afirmando-se superiores



NORTE-SUL DE OQUEI EM PATINS



O Porto homenageou os campeões do Mundo de óquei em patins, num festival organizado no Palácio de Cristal a que assistiram 5.000 pessoas. No encontro principal, de que reproduzimos duas fases, a equipa de Lisboa venceu a do Porto por 3-2

ROMULO TRINDADE

Um belo atleta belenense despediu-se da actividade. E o clube rodeou-o de simpatia e saudade, na hora da abalada. O dr. Octávio de Brito felicitou calorosamente Romulo Trindade



O Casa Pia ressurgiu! O acto de posse da nova Direcção marcou como acontecimento notável na vida do simpático clube